

Artigos

Tecnofobia vs. Tecnofilia - sobre Heidegger e Sloterdijk

Technophobia vs. Technophilia – on Heidegger and Sloterdijk

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2015.16310>

Prof. Dr. Bernhard Sylla
bernhard@ilch.uminho.pt
Universidade do Minho - Portugal

A filosofia heideggeriana pode ser rotulada, com alguma razão, de ‘tecnófoba’, a de Sloterdijk como ‘tecnófila’. Sabendo que Sloterdijk procura, em boa parte da sua obra, uma confrontação direta com Heidegger, pretendo mostrar na breve análise que se segue que a suposta oposição não é tão clara e linear como parece à primeira vista. Partindo de várias premissas heideggerianas relacionadas sobretudo com os termos *mundo* e *morar*, e partilhando com Heidegger a ideia geral de uma História do Ser, de uma História da Metafísica e do carácter de *enérgeia* que atua na essência dos fenómenos ‘verdadeiros’, as reflexões sloterdijkianas sobre a técnica diferem das de Heidegger essencialmente pelos aspetos (a) da inclusão da antropologia na fenomenologia e ontologia do ser humano, (b) pela elaboração extensa e rigorosa de uma fenomenologia do espaço, em detrimento do tempo (algo que, no entanto, se bem que de um modo menos extensamente trabalhado, acontece em Heidegger), e, muito em particular, (c) pela diferente interpretação da técnica no seu todo, assim como da sua essência.

PALAVRAS CHAVE técnica . antropologia . ontologia . linguagem .
Heidegger . Sloterdijk

Heidegger's philosophy can be labelled, with some justification, as 'technophobe', Sloterdijk's as 'technophile'. Knowing that Sloterdijk seeks, in much of his work, a direct confrontation with Heidegger, I pretend to show in the brief analysis that follows that the alleged opposition is not as clear and straight as it might seem at first glance. Starting from various Heideggerian assumptions related primarily to the terms *world* and *inhabit*, and sharing with Heidegger the general idea of a History of Being, a History of Metaphysics and the *enérgeia* character who acts at the heart of 'real' phenomena, Sloterdijk's reflections on the technical differ from Heidegger mainly by (a) the inclusion of anthropology in phenomenology and ontology of the human being, (b) the extensive and rigorous development of a phenomenology of space, to the detriment of time (something which, however, albeit in a less widely manner, also happens in Heidegger), and, in particular, (c) the different interpretation of the technique as a whole, as well as its essence

KEYWORDS technique . anthropology . ontology . language .
Heidegger . Sloterdijk

1. Ponto de partida da análise

A filosofia heideggeriana pode ser rotulada, com alguma razão, de ‘tecnó-foba’, a de Sloterdijk como ‘tecnófila’. Sabendo que Sloterdijk concebeu boa parte da sua obra mediante uma confrontação com Heidegger, há boas razões para presumir que a divergência das posições sobre o papel da técnica seja uma das diferenças mais importantes entre os dois autores. Pretendo mostrar na breve análise que se segue que a suposta oposição não é tão clara e linear como parece à primeira vista. Para introduzir esta discussão, citarei três frases do ensaio “Domestikation des Seins” [“A Domesticação do Ser”] de Sloterdijk, publicado em 2001 no livro *Nicht gerettet: Versuche nach Heidegger* [*Ainda não fomos salvos: Ensaio após Heidegger*], que demonstram (a) que a filosofia de Sloterdijk em torno da técnica partirá do pensamento heideggeriano, (b) havendo, porém, segundo a opinião de Sloterdijk, a necessidade de reconsiderar a antropologia para pensar o desafio perante o qual se encontra hoje em dia a humanidade e (c) que este desafio está intimamente ligado à questão da técnica e à nossa atitude perante a mesma.

Se, segundo a grandiosa definição de Heidegger, a técnica é um “modo de desencobrir” – isto é, um trazer-à-frente e trazer-à-presença por meio do uso de ferramentas de natureza lógica e material – então a pergunta de que produções a facticidade do homem provém não se deixa separar da pergunta pela “verdade” deste ser.¹ (SLOTERDIJK, 2001, pp. 152s.)

Parece-nos lícito afirmar que se pode manter a aliança com Heidegger como pensador da *ek-stasis* e da clareira apenas sob a condição de colocar entre parênteses a sua aversão a todas as vertentes da antropologia empírica e da antropologia filosófica, e experimentar aonde nos leva uma renovada junção entre ontologia e antropologia. (SLOTERDIJK, 2001, p. 153)²

1 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Wenn nach Heideggers enormer Definition die Technik “eine Weise des Entbergens” ist – nämlich ein Hervor-Bringen und Vorliegen-Machen von Seiendem mittels Werkzeugeinsätzen logischer und materieller Natur –, so nimmt die Frage, aus welchen Produktionen die Tatsache Mensch hervorgegangen ist, eine Bedeutung an, die von der Frage nach der “Wahrheit” dieses Wesens nicht getrennt werden kann.”

2 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Wir haben Anlaß zu bemerken, daß man an der Allianz mit Heidegger als dem Denker der Ek-stase und der Lichtung nur festhalten kann, wenn man sich gleichzeitig dazu entschließt, seinen ablehnenden Affekt gegen alle Formen von empirischer

Faz parte do teor arriscado das reflexões subsequentes dar à expressão ‘técnica ek-stática’ um sentido ontológico. A nossa aposta é que é possível ler a “posição ek-stática do homem no mundo”, tal como concebida por Heidegger, como situação tecnógena.³ (SLOTERDIJK, 2001, pp. 153s.)

2. O pano de fundo da posição de Sloterdijk: os espaços imunológicos

Embora o texto do qual extraí as citações seja um dos mais fundamentais para o tema em questão, é imprescindível considerar vários outros textos de Sloterdijk onde este fundamenta mais pormenorizadamente a sua teoria, recorrendo explicitamente a argumentos de teor ontológico, antropológico e fenomenológico. Um dos momentos fundantes da teoria de Sloterdijk, e diretamente relacionado com a questão da técnica, é a elevação do espaço, em detrimento do tempo, ao expoente supremo do próprio ser.⁴ Os três grossos volumes da sua trilogia *Esferas*, com as suas duas mil e quinhentas páginas, podem ser lidos como fenomenologia e ontologia do espaço.⁵ Tendo em conta o tema da nossa análise, gostaria de chamar a atenção para alguns aspetos fundamentais dessa obra.

É no primeiro volume desta trilogia, intitulado *Blasen* [*Bolhas*], que Sloterdijk pretende mostrar que o fenómeno onto e antropológico mais essencial não é nem o tempo nem a relação entre sujeito e objeto, mas antes a experiência espacial do *Ser-em* (aludindo aqui explicitamente, embora com intenção crítica, ao termo heideggeriano *In-Sean*)⁶, que tem a sua origem antropológica na ex-

und philosophischer Anthropologie einzuklammern und eine neue Konfiguration zwischen der “Ontologie” und der Anthropologie zu erproben.”

3 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Es gehört zum Risiko der folgenden Überlegungen, daß sie den Ausdruck Ekstase-Technik mit einem ontologischen Sinn unterlegen werden. Sie gehen die Wette ein, daß es möglich sei, die heideggerisch gedeutete “Stellung des Menschen in der Welt” als eine technogene Situation zu lesen.”

4 É sabido que o fenómeno do espaço ganha grande relevo na filosofia tardia de Heidegger, colocando-se a par (ou até mesmo acima) do fenómeno do tempo. O entrelaçamento de espaço e tempo condensa-se visivelmente no termo *jogo espaço-tempo* (*Zeit-Spiel-Raum*). Acerca de uma interpretação deste termo cf. BORGES-DUARTE, 2014, 72-76 e, estabelecendo ligações com a linguagem do ‘segundo’ Heidegger, SYLLA, 2009, 344-351. Daí esta alegada diferença entre Sloterdijk e Heidegger necessitar de uma reflexão própria que, no entanto, não me é possível desenvolver no âmbito deste artigo.

5 Cf., particularmente, SLOTERDIJK, 2004, pp. 15-26, 362ss.

6 Cf. SLOTERDIJK, 1998; à discussão do *In-Sean* heideggeriano é dedicado o “Exkurs 4”, pp. 336-346.

periência do feto no útero da mãe, experiência esta marcada por um sentimento pré-consciente da vinculação intrínseca com um outro ser, dando Sloterdijk uma especial atenção não apenas à figura da mãe, mas também ao órgão da placenta e à sua função de acompanhante originário (*Urbegleiter*), de um primeiro Ser-com (*Mit-Sein*), visto como uma espécie de sócia (*Doppelgänger*).⁷ Os três volumes de *Esferas* podem ser lidos como história deste *In-Sein*, que é ao mesmo tempo a história da criação e habitação de espaços ('esferas' num sentido mais lato) qualitativamente diferentes que, no entanto, têm a função comum de garantir intimidade e proteção ao ser humano. Daí que Sloterdijk também denomine a sua teoria '*fenomenologia da intimidade*' (SLOTERDIJK, 1999a, p. 209). Enquanto o primeiro volume de *Esferas* se dedica mais precisamente à abordagem das origens antropológicas da intimidade, é no segundo volume intitulado de *Globos (Globen)* que Sloterdijk nos apresenta a sua visão sobre a história da crescente globalização das esferas e as correspondentes ideologias da intimidade, abordando as mais diversas teorias antigas, medievais e, por fim, modernas – sejam de espécie filosófica, científica, literária ou psicanalítica, sejam de espécie mágica, espiritual, eclesíastica ou esotérica. Sloterdijk narra a história da crescente conquista do espaço exterior⁸ que conduz à emergência do modelo da esfera enquanto *globo*, demonstrando nessa análise a estreita ligação entre concepção material (e.g. modelos cosmológicos, obras de arte, modelos arquitectónicos) e construção imaginária e intelectual de espaços imunológicos. O terceiro volume de *Esferas* dedica-se ao estágio atual desta história, onde se verifica o fim das visões metafísicas totalizantes, a par de uma crescente fragmentação, multiplicação e diversificação de espaços íntimos.

Uma das metáforas que Sloterdijk usa, com alusões explícitas a Heidegger, para se referir às construções das esferas íntimas e imunológicas é a da *casa (Haus ou Gehäuse)*. A casa não é apenas um lugar que oferece proteção, mas antes também uma esfera psíquica, espiritual e intelectual, ou seja, usando um termo que remonta a Teilhard de Chardin, algo como uma '*nooesfera*'.⁹

7 SLOTERDIJK, 1998, cf. particularmente p. 381.

8 Ignoro aqui que a transição do espaço interior ao exterior, como fenómeno que está na base de todas as 'traumatologias', é de maior interesse não só para a antropologia, psicologia, psicanálise, etc., mas também para a filosofia. Dedicar-me-ei a este problema noutro lugar.

9 Tanto quanto sei, o próprio Sloterdijk não usa este termo nem refere explicitamente Teilhard de Chardin que define este termo por exemplo em TEILHARD DE CHARDIN, 1959. Parece-me, no entanto, um termo adequado para dar conta da especificidade de as esferas em Sloterdijk terem tanto a característica de serem mundos constituídos de entidades 'noéticas' – como pensamentos, intenções, desejos, necessidades, criações artísticas e culturais, discursos, etc. – como também mundos 'especialmente materializados' e/ou bio-lógicos. ("Esferas são criações espaciais, imunologicamente efetivas, para seres ekstáticos, sobre os quais caem os efeitos do 'exterior'" (SLOTERDIJK 1998, 28); "Uma vez tematizadas as esferas como formas da rea-

3.A condição tecnógena de habitar casas

Excetuando o início biológico de cada ser humano, a casa é algo feito pelo homem, é uma *construção* imunológica. Bem à maneira de Heidegger, a casa não é só um mundo, i.e. o ‘produto’ das interpretações do homem, mas ao mesmo tempo o *morar/habitar* neste mundo.¹⁰ Por vezes, destacando a intimidade deste morar, Sloterdijk usa também a palavra *einwohnen* que se pode, tendo em conta a aceção da tradição mística, traduzir por *in-abitar*. Tal como em Heidegger, não existe, no fundo, nenhuma oposição entre natureza e sujeito, uma vez que a natureza ou a realidade é, desde que tenha significância, mundo. Dito de outra maneira, a natureza, desde que tenha significância para o homem, é sempre já natureza ‘marcada’ pelas intervenções técnicas do ser humano. A seguinte citação, que frisa este aspeto, dá ao mesmo tempo uma primeira ideia daquilo que numa das três citações apresentadas no início foi denominada por *condição tecnógena* do ser humano:

Na verdade, “o homem”, enquanto espécie e enquanto configuração específica de opções de individualização, é uma entidade que jamais existiu na mera natureza, mas que apenas se pôde formar através das repercussões das suas próprias proto-técnicas espontâneas e no morar junto com coisas e animais (...). A condição humana é daí, simultaneamente, produto e resultado – porém, produto de produções raramente descritas adequadamente, e resultado de processos sobre cujas condições e regras ainda pouco sabemos.¹¹ (SLOTERDIJK, 2001, p. 153)

lidade efetiva, o aspeto da *forma* do mundo servirá como chave do desencobrimento das suas ordens simbólicas e pragmáticas.” (*Ibid.*, p. 62)). É o facto de os dois autores verem o fenómeno da esfera/nooesfera como um fenómeno espiritual e simultaneamente material e ‘biológico’ que justifica, a meu ver, esta alusão, se bem que se deva alertar para a sua limitação, pois não se encontra em Sloterdijk paralelo com as conclusões teológicas – consideradas na altura heréticas – de uma cristogénese em Teilhard. A alusão a uma certa afinidade entre os conceitos de esfera e de nooesfera em Sloterdijk e, respetivamente, Teilhard de Chardin encontra-se também em DUQUE, 2006, p. 168.

10 Veja-se, a respeito do conceito de morar em Heidegger e a título de exemplo, as duas conferências de Heidegger intituladas “Bauen, Wohnen, Denken” e “...dichterisch wohnet der Mensch...” que constam de HEIDEGGER, 2000, respetivamente pp. 145-164 e pp. 189-208.

11 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Tatsächlich ist “der Mensch”, als Gattungswesen wie als Matrix von Individualisierungschancen, eine Größe, die es in der bloßen Natur niemals geben kann und die sich erst unter Rückwirkung spontaner Prototechniken und in “Wohngemeinschaften” mit Dingen und Tieren hat bilden können (...). Die menschliche Kondition ist also durchweg Produkt und Resultat – aber Produkt von Herstellungen, die als solche bisher selten angemessen beschrieben wurden, und Resultat von Prozessen, über deren Bedingungen und Regeln zuwenig bekannt ist.”

Mas é precisamente no âmbito de uma determinação mais concisa dos conceitos de *mundo* e *morar* que surge a divergência fundamental entre Sloterdijk e Heidegger: embora haja ainda uma sintonia entre ambos os pensadores no que se refere ao aspeto da *tecne* e, particularmente, da *poiesis* na construção das verdadeiras moradas humanas, entendidas como maneiras de trazer à presença, de trazer à luz algo que estava encoberto, é mais que evidente que Sloterdijk interpreta o fenómeno da técnica de uma maneira que diverge bastante da visão de Heidegger. Virando-se explicitamente contra a tecnofobia heideggeriana, ou seja, contra a diabolização da técnica enquanto instrumentalização e *Gestell*, Sloterdijk considera que *toda* a técnica é um fenómeno essencial, não só a verdadeira poesia, a verdadeira filosofia e a verdadeira arte, como em Heidegger, mas também a técnica aparentemente apenas instrumental.¹² Alargar a extensão e intensão do conceito de ‘técnica essencial’ ou de ‘técnica autêntica’, ao incluir aquilo que para Heidegger era o *Gestell*, não significa que se elimine a distinção entre boa e má técnica. Que as demarcações desta distinção não sejam iguais às de Heidegger, é óbvio. Mas antes de frisar este aspeto teremos que nos deter ainda no conceito geral de técnica em Sloterdijk que, para além da distinção entre boa e má técnica, implica uma integração fundamental de aspetos antropológicos, método explicitamente rejeitado por Heidegger.

12Um leitor atento e simpatizante de Heidegger pode alegar, como aliás as minhas próprias indicações nesta frase o fazem, que é inadequado classificar a filosofia de Heidegger com o rótulo ‘tecnófoba’. Penso que é óbvio, por um lado, que o ápice niilista da história da metafísica é identificado por Heidegger como o fenómeno da técnica *enquanto Gestell*, tal como foi magistralmente exposto por Heidegger na ilustre conferência sobre “Die Frage nach der Technik” (HEIDEGGER, 2000, pp. 5-36). Por outro lado é sabido que a questão do entendimento do verdadeiro ‘essenciar’ da técnica se prende, para Heidegger, de uma forma eminente e urgente com a da salvação do homem. Este verdadeiro essenciar da técnica (a ‘essência’ da técnica), assim o próprio Heidegger, “não é ele próprio de carácter técnico” [“Weil das Wesen der Technik nichts Technisches ist, (...)”] (*Ibid.* p. 36), embora não careça de uma certa afinidade capaz de ser estabelecida pelo recurso à essencialidade da raiz comum da *tecne*, sobretudo da *tecne* enquanto *poiesis*. Daí que seja legítimo – embora merecesse uma discussão mais profunda – partir do princípio que o entendimento do essenciar da técnica não se prende com uma mera modificação ou evolução da técnica enquanto fenómeno contemporâneo, e daí tampouco com transformações dentro do campo da própria técnica, mas antes com algo que se parece muito mais com a *substituição* da técnica pela arte essencial e pela nossa convivência própria e apropriada com as ‘coisas’, ou seja, com a técnica transformada em arte ou *Gelassenheit*, se bem que não se possa negar que haja aqui também lugar para uma ‘técnica à maneira da quadrindade’. Visto desta forma, é óbvio que a técnica não se deixa separar assepticamente da arte, da linguagem e, talvez, da política, como mostrou magistralmente Irene Borges-Duarte na sua recente publicação sobre a arte e a técnica em Heidegger (BORGES-DUARTE, 2014).

4. A casa como ‘estufa’ do ser luxuriante

O preconceito usual dos tecnóforos que se atém obcecadamente no aspeto da dominação e instrumentalização da natureza exterior e interior é, segundo Sloterdijk, sinal de um profundo desentendimento do fenómeno da técnica (SLOTERDIJK, 2001, pp. 224ss.). Como já foi dito, *toda* a técnica é um trazer-à-luz, daí que a *Sorge*, enquanto cuidado existenciário, seja na sua essência também técnica, estando vinculada, fundamentalmente e em *todas* as suas manifestações, à técnica (SLOTERDIJK, 2001, pp. 192s.). Enquanto cuidado que cuida da própria casa, a técnica inclui essencialmente a artificialidade. Daí o termo que Sloterdijk usa para especificar melhor a ligação entre casa, artificialidade e imunidade (para além de outras alusões que se podem extrair do sentido literal da palavra, como a de *Auftrieb* (força propulsora ascensional), seja o de *estufa* (*Treibhaus*), como espaço artificial protetor que garante vida e crescimento sob condições específicas.

De maior importância para o assunto em questão é, no entanto, o apelo de Sloterdijk para não excluir a antropologia do leque das disciplinas capazes de explicar o fenómeno da técnica. Baseando-se em trabalhos de Julius Kollmann, Louis Bolk e outros,¹³ Sloterdijk sustenta uma versão evolutiva da tese sobre o assim chamado fenómeno da ‘neotenia’, partindo do princípio de que a característica saliente e ao mesmo tempo condição da evolução da racionalidade do ser humano primitivo tenha sido a criação de condições para o prolongamento da sua gestação, dividindo-se esta em gestação intrauterina e extrauterina. Conferir e garantir ao recém-nascido, durante um período que ao longo da evolução se veio a tornar cada vez mais extenso, um espaço onde, sob proteção da mãe e de toda a tribo, pôde desenvolver-se sem a necessidade urgente de desenvolver instintos e estratégias de autoproteção e de autocuidado, criou as condições para a formação de um *ser luxuriante*, i.e. um ser que disfruta do privilégio de desenvolver outras capacidades para além daquelas que se vinculam estritamente à questão da sua sobrevivência. Arte, artificialidade e técnica, e o seu progresso relativamente célere, são, assim Sloterdijk, efeitos diretos deste privilégio, repercutindo-se também e sobretudo no crescente poder de cuidar da própria casa (no sentido lato do termo) cada vez mais sofisticada e diversificadamente. Fazendo da sua maior carência (a falta de uma especialização instintiva) a sua maior vantagem, o ser humano, no fundo, não é um ser carente, como toda a antropologia de um Herder, Scheler, Gehlen, etc., afirmava, mas antes um *ser luxuriante*.

13 SLOTERDIJK, 2001, pp. 199, nota 49; cf. também SLOTERDIJK, 2004, pp. 368ss., 756-760. A obra de Bolk (BOLK, 1926) é mencionada explicitamente por Sloterdijk, a de Kollmann não. Kollmann descreveu o fenómeno de neotenia primeiramente em KOLLMANN, 1885.

Uma segunda preocupação teórica de Sloterdijk, relacionada com o conceito de técnica, diz respeito à *história do desenvolvimento* deste ser luxuriante. Tal como acontece nas mais diversas teorias contemporâneas sobre este assunto, de Hegel a Husserl, Heidegger a Foucault, Cassirer a Blumenberg,¹⁴ etc., Sloterdijk parte do princípio da existência de fases e de rupturas ou cesuras na história do desenvolvimento humano. Correspondente à estrutura tripartida da trilogia da obra *Esferas*, o desenvolvimento é trifásico. Enquanto o destaque da primeira fase cai no aspeto somático e psicossomático da criação de intimidades e na descrição dos *topoi* onde estas intimidades se podem desenvolver, o aspeto saliente da segunda fase reside na criação de doutrinas e ideologias metafísicas de alcance cosmológico sobre a esfericidade do ser, onde a esfera enquanto globo, ou seja a esfera infinitamente mais extensa do que a esfera primária do indivíduo, se torna objeto primordial da preocupação do homem. A terceira fase, a da criação de espaços que mais se assemelham a ‘espumas’ (sendo este o título do terceiro volume de *Esferas*), é a fase da deterioração dos espaços ideológicos metafísicos, da sua homogeneidade e coerência, desembocando na fragmentação e no desmembramento de todos os projetos metafísicos da criação de espaços uniformes e, conseqüentemente, na criação de espaços imunológicos extremamente diversificados e distintos, sendo este, aliás, o ponto de partida da recente obra *Tens de Mudar a tua Vida – Sobre Antropotécnicas* (SLOTERDIJK, 2012). Apesar da sua diversificação, os espaços da fase de espumas têm em comum um conjunto de características específicas, como a superação da vinculação à terra, a conquista do ar (também como material de construção de ‘casas’), a emergência da tecnologia informática que revolucionou a experiência dos fenómenos de espaço e tempo, com uma palavra, o emergir da crescente dominação da técnica e da crescente reflexão sobre o seu potencial, i.e. o emergir da tecno-logia. Que o homem esteja, hoje em dia, em condições de manipular não só a exterioridade *qua* natureza, mas também a sua própria natureza e a dos outros seres vivos, é daí um fenómeno lógico dentro dos moldes da sua própria evolução, e ao mesmo tempo um fenómeno onto e antropológico, tal como o é o desafio que este facto constitui para a humanidade.

14 Parece-me, no fundo, dispensável mencionar aqui as inúmeras obras filosóficas que assentam numa concepção histórica do desenvolvimento do ‘espírito’ humano, sejam estas teleológicas, ou genealógicas. É óbvio que, logo que se assume uma visão histórica, nascerá também a tentação de dividir a história em fases. Exemplos bem conhecidos desta ‘opção filosófica’ seriam, a título de exemplo, Husserl na sua *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Philosophie* (HUSSERL, 2012), Heidegger com a sua concepção da História da Metafísica (cf. HEIDEGGER, 1983, nomeadamente §§55-58, HEIDEGGER, 2000, a conferência “Überwindung der Metaphysik”, pp. 67-98), Cassirer na sua concepção da evolução teleológica do ‘logos’, evidenciada nomeadamente no 3º volume na sua *Philosophie der symbolischen Formen* (CASSIRER, 1997), Foucault na sua teoria da genealogia das epistemes em *Les Mots e les Choses* (FOUCAULT, 1966), Blumenberg em *Die Legitimität der Neuzeit* (BLUMENBERG, 1966), entre muitos outros.

5. Duas polémicas

Chegámos aqui ao ponto onde surgem duas polémicas. A primeira prende-se com a interpretação da potencialidade humana de manipulação dos seres vivos e da própria constituição genética. Esta polémica levantou-se aquando da palestra de Sloterdijk proferida em 1999 e publicada no mesmo ano sob o título *Regras para o Parque Humano*.¹⁵ Interpretando esta potencialidade humana como potencialidade que com alguma necessidade lógica e ontológica tinha de emergir e que, daí, necessite urgentemente de uma reflexão que se situa para além das doutrinas metafísicas ultrapassadas, Sloterdijk viu-se confrontado com as mais veementes críticas de Habermas, Tugendhat, Frank e inúmeros outros intelectuais e filósofos, que o acusaram de transgredir fronteiras éticas e morais cuja conservação seria imprescindível para o bem da humanidade.¹⁶

Uma outra polémica que até agora pouco ou nenhum interesse evocou, é a tese de Sloterdijk sobre o papel da linguagem na era da emergência da técnica. Segundo Sloterdijk, a técnica enquanto técnica faz com que a linguagem perca a sua função de ser o meio primordial (função que ocupava na segunda fase da ‘história do ser luxuriante’) para conferir e constituir a ‘casa do ser’. A linguagem não possui suficiente flexibilidade e riqueza, nem um grau suficiente de poder de transmissão de informações para poder acompanhar os avanços tecnológicos. Daí que seja, no fundo, um meio ultrapassado que começa a ser substituído, nos tempos de hoje, pela técnica *hardcore* e pelo poder das imagens. Acreditando na leitura da obra de Sloterdijk de Marc Jongen, filósofo e discípulo de Sloterdijk, o poder aparentemente apenas metafórico das imagens está em vias de adquirir o estatuto de meio primordial do desenvolvimento humano, substituindo a maneira clássica de pensar, por seu lado tecnófobo e imaginófono, pela nova maneira de pensar tecnófila e imaginófila, resultando na construção de esferas enquanto híperimagens.¹⁷ Ora, considero este aspeto

15 SLOTERDIJK, 1999b. Reeditado em SLOTERDIJK, 2001, pp. 302-337.

16 O debate polémico estendeu-se sobre um tempo consideravelmente longo e envolveu, entre filósofos renomados como Habermas, Tugendhat, Frank, um número elevado de ensaístas e jornalistas alemães. Uma boa documentação da polémica encontra-se nos dois sítios <http://web.archive.org/web/20100212115124/>, http://www.univie.ac.at/ethik/online_texte/6.2.1.bioethik/sloterdijk_debate.htm e http://de.wikipedia.org/wiki/Regeln_f%C3%BCr_den_Menschenpark na rubrica ‘Literatur’; último acesso 27/03/2015. As passagens que deram origem ao debate são SLOTERDIJK, 1999b, pp. 61-68. Para uma crítica de Sloterdijk a partir da perspetiva heideggeriana cf. DUQUE, 2006.

17 JONGEN, 2011, pp. 199-219, particularmente 201 e 208; aí, Jongen afirma “In a nutshell, Sloterdijk transforms Heidegger’s – Old European way of thinking, which is contemplative and technophobic, and tends to be imagophobic, into a transclassical, technophilic and eo ipso imagophilic form [Gestalt] – though not without borrowing heavily from the phenomenological method.” (Ibid., p. 201) e “The post-logocratic philosopher, who must continue to make use of language *nolens volens*, assuming he wishes to avoid permanent literal self-contradiction,

polémico por duas razões. A primeira diz respeito à própria perspectiva sobre a linguagem. Relativamente à questão da criação e configuração de casas na ‘era das espumas’, há vários textos em que Sloterdijk confere à linguagem a importante função de criar e manter em uso algo a que se pode chamar um código de acesso e, doravante, um código de conduta para os habitantes da casa. Este poder da regulamentação dos discursos dos respetivos habitantes de uma casa decide não só sobre a demarcação das fronteiras, i.e. sobre as ‘paredes’ das respetivas casas, mas também e sobretudo sobre o tipo de antropotécnicas com cujo treino os habitantes se comprometem.¹⁸ Daí que a linguagem tenha uma função poderosa, que se mostra, aliás, também no facto de a linguagem desempenhar um certo poder totalitário ao forçar os que nascem numa determinada casa a cumprir as regras do discurso que reina dentro dela.¹⁹ Neste aspeto, há vários textos sloterdijkianos em que a análise do poder destes discursos, não obstante a indiscutível influência de Foucault, se assemelha bastante às análises heideggerianas do falatório. Por outro lado, parece-me não haver nenhum outro meio para além da linguagem capaz de a substituir na sua função de meio primordial de reflexão. E é precisamente esta reflexão que é exigida – aliás também pelo próprio Sloterdijk – para garantir que o rumo da crescente tecnificação não conduza a uma catástrofe.

Pelo que foi dito, torna-se evidente que a concepção da função da linguagem está intimamente ligada à polémica que se desencadeou em 1999 a propósito das afirmações de Sloterdijk sobre a manipulação genética dos seres vivos e sobretudo do ser humano. Para Sloterdijk, a avaliação desta questão depende não só da própria essência da técnica e da emergência desta essência, mas também do nosso entendimento dela. No que diz respeito à essência da técnica, esta revelar-se-á, na perspectiva de Sloterdijk, como uma lógica inerente à própria ascensão da técnica. A essência da técnica não reside na dominação e domesticação dos entes, sendo essa uma perspectiva válida para os tempos passados e talvez ainda para os tempos hodiernos, mas antes numa interligação cada vez mais inteligente de informações e de meios técnicos em geral. É à própria técnica que inere a lógica da cooperação e não a da dominação. Sloterdijk dá a este tipo de técnica,

finds himself condemned to a permanent performative self-contradiction. He or she must find a way to use the means of language to go beyond it. And as the examples in Sloterdijk’s thought and writings demonstrate, the sphere he or she then arrives at assume the nature of images – or as we prefer to say – hyperimages.” (*Ibid.*, p. 208). Cf. a este respeito, i.e. à incapacidade da linguagem de acompanhar as transformações hodiernas e de cumprir a tarefa de criar ‘casas’, também SLOTERDIJK, 2001, p. 210.

18 Sobre esta temática versa explícita e extensamente SLOTERDIJK, 2012.

19 Sloterdijk defende esta tese explicitamente em SLOTERDIJK, 1988. Cf. também *Idem* (2001), pp. 192s.

que está em conformidade com a sua essência, o nome de homeotécnica, que deve ser distinguida do modelo ultrapassado da técnica como dominação. Da longa passagem onde Sloterdijk trata este aspeto cito apenas este trecho:

Por ter de lidar com a informação efetivamente existente, a homeotécnica apenas consegue avançar na via da não-violação daquilo que há; ela lida inteligentemente com a informação e cria novos estádios de informação. (...) Ela tem de recorrer, mesmo quando, provisoriamente, é usada tão egoística e regionalmente como uma qualquer técnica convencional, a estratégias co-inteligentes e co-informativas, tendo daí antes o caráter de cooperação do que de dominação, até mesmo em relações assimétricas.²⁰ (SLOTERDIJK, 2001, pp. 227s.)

É precisamente a lógica do desenvolvimento inerente à própria técnica (que, aliás, deve muito a Luhmann e à sua versão da teoria dos sistemas)²¹ que faz com que a prática errada da técnica como dominação se vá eliminando quase que naturalmente.²² Cito mais uma vez do ensaio de Sloterdijk “A Domesticação do Ser”:

O elemento dominador tenderá, necessariamente, a desaparecer, pois descarta-se, enquanto crueza, a si próprio. No mundo em rede e inter-inteligentemente densificado, os senhores e violadores apenas possuem hipóteses de êxito que não ultrapassam o momento imediato, ao passo que os cooperadores, os incentivantes e enriquecedores encontram (...) pontos de ligação

20 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Die Homöotechnik hingegen kommt, weil sie es mit real existierender Information zu tun hat, nur noch auf dem Weg der Nicht-Vergewaltigung des Vorliegenden voran; sie greift Intelligenz intelligent auf und erzeugt neue Zustände von Intelligenz; (...) Sie muß, selbst wo sie zunächst so egoistisch und regional eingesetzt wird wie jede konventionelle Technik, auf ko-intelligente, ko-informative Strategien zurückgreifen. Eher hat sie den Charakter von Kooperation als den von Herrschaft, auch bei asymmetrischen Beziehungen.”

21 Veja-se, a este respeito, o ensaio “Luhmann, Anwalt des Teufels” in SLOTERDIJK, 2001, pp. 82-141.

22 Esta posição, a meu ver, é inconciliável com a de Heidegger, para quem o alcance da verdadeira essência da técnica e a superação do seu aspeto instrumental não se podem dar, por assim dizer, ‘automaticamente’, ou seja, como *output* de uma lógica evolutiva.

muito mais numerosos, adequados e consistentes.²³
(SLOTERDIJK, 2001, p. 231)

Um pensamento ‘homeotécnico’, assim Sloterdijk, talvez tenha, por inerência, também o potencial de fazer surgir uma ética de amizade e de superação da dominação (SLOTERDIJK, 2001, p. 231). Contudo, o entendimento e uso da técnica que fazem dela uma boa técnica dependem, assim Sloterdijk, em grande medida da compreensão humana do verdadeiro ser da técnica e das suas verdadeiras condições evolutivas e culturais. É óbvio, que uma tal compreensão não é viável sem o auxílio da linguagem e do discurso científico-filosófico, e é aliás o próprio Sloterdijk que menciona, neste contexto, explicitamente o papel da comunidade científica (*Forschergemeinschaft*) (SLOTERDIJK, 2001, pp. 203, 225). Daí que, no âmbito estrito da teoria de Sloterdijk e da *sua* lógica, a desvalorização da linguagem e do seu papel para o avanço da técnica seja talvez o aspeto mais contraditório e menos claramente refletido pelo autor.

6. Conclusão

Em jeito de conclusão, diria que a oposição entre o Sloterdijk tecnófilo e o Heidegger tecnófobo não é tão clara e linear como parece à primeira vista. Partindo de várias premissas heideggerianas relacionadas sobretudo com os termos *mundo* e *morar*, e partilhando com Heidegger a ideia geral de uma História do Ser, de uma História da Metafísica e do carácter de *enérgeia* que atua na essência dos fenómenos ‘verdadeiros’, as reflexões sloterdijkianas sobre a técnica diferem das de Heidegger essencialmente pelos aspetos (a) da inclusão da antropologia na fenomenologia e ontologia do ser humano, (b) pela elaboração extensa e rigorosa de uma fenomenologia do espaço, em detrimento do tempo (algo que, no entanto, se bem que de um modo menos extensamente trabalhado, acontece em Heidegger), e, muito em particular, (c) pela diferente interpretação da técnica no seu todo, assim como da sua essência. Se bem que haja, também em Heidegger, uma distinção clara entre a má técnica do *Gestell* e a boa técnica de um dizer poético e filosófico da verdadeira essência da técnica, parece-me que a noção de boa técnica de Sloterdijk pouco ou nada coincide com aquela de Heidegger.

23 Trad. d. A. do seguinte trecho: “Das Herrische muß tendenziell aufhören, weil es sich als Roheit unmöglich macht. In der vernetzten, inter-intelligent verdichteten Welt haben Herren und Vergewaltiger nur noch Erfolgchancen, die nicht über den Augenblick hinaus währen, indessen Kooperateure, Förderer und Bereicherer (...) zahlreichere, adäquatere, haltbarere Anschlüsse finden.”

BLUMENBERG, Hans (1966). *Die Legitimität der Neuzeit*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

BOLK, Louis (1926). *Das Problem der Menschwerdung*. Jena: Gustav Fischer

BORGES-DUARTE, Irene (2014). *Arte e Técnica em Heidegger*. Lisboa: documenta

CASSIRER, Ernst (1997). *Philosophie der symbolischen Formen*. Bd. 3: Phänomenologie der Erkenntnis. Darmstadt: Primus [1929]

DUQUE, Félix (2006). *En torno al humanismo*. Heidegger, Gadamer, Sloterdijk. 2ª ed., Madrid: tecnos

FOUCAULT, Michel (1966). *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard

HEIDEGGER, Martin (1983). *Einführung in die Metaphysik*. Hrsg. v. Petra Jaeger. Frankfurt/M.: Klostermann [= GA (Gesamtausgabe), Bd. 40]. [1935]

_____ (2000). *Vorträge und Aufsätze*. Hrsg. v. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [= GA (Gesamtausgabe), Bd. 7]. [1936-1954]

HUSSERL, Edmund (2012). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Philosophie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Hrsg., eingeleitet und mit Registern versehen von Elisabeth Ströker. Hamburg: Meiner [1935]

JONGEN, Marc (2011). *On Anthropospheres and Aphrographes*. Peter Sloterdijk's Thought Images of the Monstrous. In *Humana Mente. Journal of Philosophical Studies*, Vol. 18, pp. 199-219

KOLLMANN, Julius (1885). *Das Überwintern europäischer Frosch- und Tritonlarven und die Umwandlung*

der mexikanischen Axolotl. Verhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft Basel, Nr. 7

SLOTERDIJK, Peter (1988). *Zur Welt kommen – Zur Sprache kommen*. Frankfurter Vorlesungen. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (1998). *Sphären I – Blasen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (1999a). *Sphären II – Globen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (1999b). *Regeln für den Menschenpark. Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über den Humanismus*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (2001). *Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (2004). *Sphären III – Schäume*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

_____ (2012). *Du musst dein Leben ändern. Über Anthropotechnik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

SYLLA, Bernhard (2009). *Hermeneutik der langue. Weisgerber, Heidegger und die Sprachphilosophie nach Humboldt*. Würzburg: Königshausen & Neumann

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (1959). *L'avenir de l'homme*. Paris: Éditions du Seuil